



COMO OVELHAS QUE NÃO TEM PASTOR: O DISCIPULADO COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA NUM MUNDO PÓS-PANDEMIA

Esp. Matthaus Leira R. S. de Oliveira¹

RESUMO

Este artigo aborda o papel e a importância do discipulado na vida de pessoas que sofrem em decorrência da pandemia. O trabalho mostra como a pandemia vem afetando a comunidade no âmbito emocional e social, causando um distanciamento entre as pessoas e adoecimentos como depressão e ansiedade. Estudos na área científica e dados estatísticos mostram as graves consequências deixadas pela pandemia e as possíveis sequelas que podem permanecer ao longo da vida. O discipulado, que é uma ordem de Jesus para que ensinemos as pessoas a seguir o Cristo, o amando e obedecendo, também é um meio de estreitar as relações, de comunhão, de ajudar a levar as cargas uns dos outros, fornecer alívio, compartilhar e dividir. Mostraremos o que a Bíblia diz a respeito do discipulado no viver em comunidade, tendo como exemplo a Igreja Primitiva. Trataremos os ensinamentos bíblicos a respeito do discipulado como uma ferramenta terapêutica para os que estão sofrendo. Teremos como base a análise dos estudos referentes a COVID-19, assim como, indagações relacionadas ao discipulado. Ao final do estudo, esperamos ter uma compreensão da importância de se cumprir esta tarefa e de nos estimularmos a prática. Discipulado é vida na vida!

Palavras-chave: Discipulado; Pandemia; Saúde Mental.

ABSTRACT

This article addresses the role and importance of discipleship in the lives of people suffering due to the pandemic. The work shows how the pandemic has been affecting the community emotionally and socially, causing distancing between people and illnesses such as depression and anxiety. Scientific studies and statistical data reveal the severe consequences left by the pandemic and the possible long-term sequelae. Discipleship, which is a command of Jesus for

¹ O autor é especialista em estudos do Novo Testamento e graduando em Teologia pelo STPS, membro da IPB de Tinguí - RJ. Atua como professor de iniciantes na fé (Classe de Catecúmenos), trabalha com discipulado, evangelismo, estudos bíblicos e na recepção da Igreja. Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Castelo Branco - RJ. É auxiliar técnico em laboratório de farmácia de manipulação.

us to teach people to follow Christ, loving and obeying Him, is also a means of strengthening relationships, fostering communion, helping to bear one another's burdens, providing relief, sharing, and dividing. We will show what the Bible says about discipleship in living in community, using the Early Church as an example. We will discuss biblical teachings on discipleship as a therapeutic tool for those who are suffering. Our study will be based on analyses of research related to COVID-19, as well as questions related to discipleship. At the end of the study, we hope to understand the importance of fulfilling this task and to encourage its practice. Discipleship is life on life!

KEYWORDS: Discipleship; Pandemic; Mental Health.

INTRODUÇÃO

Segundo o Evangelho de Mateus 28.19-20, “fazer discípulos” se trata de uma ordem de Jesus para toda a Igreja. O Mestre dedicou tempo da sua vida para cuidar de pessoas. Ele caminhou lado a lado, ensinou, viveu, formou discípulos e enviou-lhes a fazerem o mesmo. Mateus 9.35-38, por exemplo, mostra Jesus indo de cidade em cidade, às aldeias, sinagogas ou atravessando lugares onde os judaístas do templo não iriam, a fim de exercitar o discipulado. Jesus ensinava, pregava e curava.

35 Καὶ περιῆγεν ὁ Ἰησοῦς τὰς πόλεις πάσας καὶ τὰς κόμας διδάσκων ἐν ταῖς συναγωγαῖς αὐτῶν καὶ κηρύσσων τὸ εὐαγγέλιον τῆς βασιλείας καὶ θεραπέων πᾶσαν νόσον καὶ πᾶσαν μαλακίαν ἐν τῷ λαῷ. 36 Ἴδων δὲ τοὺς ὄχλους ἐσπλαγχνίσθη περὶ αὐτῶν, ὅτι ἦσαν ἐκλελυμένοι καὶ ἐρριμμένοι ὡς πρόβατα μὴ ἔχοντα ποιμένα. 37 τότε λέγει τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ· ὁ μὲν θερισμὸς πολὺς, οἱ δὲ ἐργάται ὀλίγοι. 38 δεήθητε οὖν τοῦ κυρίου τοῦ θερισμοῦ ὅπως ἐκβάλῃ ἐργάτας εἰς τὸν θερισμὸν αὐτοῦ.²

35 E Jesus percorria todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando todo tipo de doenças e enfermidades. 36 Ao ver as multidões, Jesus se compadeceu delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor. 37 Então Jesus disse aos seus discípulos: — A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. 38 Por isso, peçam ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.³

O versículo 36 deixa claro que as pessoas estavam aflitas, perdidas e Jesus as via, prestava atenção nelas. O grego ἐσπλαγχνίσθη περὶ αὐτῶν (*esplanchnisthe peri auton*) diz que Jesus foi movido pela compaixão (indo em direção deles), porque ἦσαν ἐσκυλμένοι καὶ ἐρριμμένοι (*êsan êskilmenoi kai errimmenoi*) eles eram (estavam) cansado(s) e rejeitado(s). As multidões estavam como ovelhas sem um pastor para cuidar e guiá-las. O comentário da Bíblia

² KATA MATΘAION 9.35-38. Disponível em: <https://my.bible.com/bible/209/MAT.9.by04>. Acessado em: 01/05/2022.

³ MATEUS 9.35-38. Disponível em: <https://my.bible.com/bible/1840/MAT.9.naa>. Acessado em: 01/05/2022.

de estudo King James⁴ fala sobre a implicação da condição espiritual de Israel citado em Ezequiel 34 que refletia as falhas dos pastores espirituais que abandonavam e negligenciavam o seu rebanho. O cenário descrito por Mateus é o mesmo em que remonta Ezequiel. A diferença e maior importância agora é que Jesus é o verdadeiro Pastor que está preocupado com as suas ovelhas⁵, o que é tornado explícito em João 10 onde Jesus referenciado como O Bom Pastor.

Nos versos seguintes Jesus vai dizer que são muitos que estão na condição de “ovelhas abandonadas”, usando a imagem de uma grande colheita. No entanto, existem poucas pessoas para realizar o trabalho, por isso, o evangelista evidencia o pertencimento. A forma como o versículo 37 foi construído esclarece que os discípulos pertencem a Jesus. Pois, a expressão μαθηταῖς αὐτοῦ (*mathetais autou*) denota uma condição de posse, “discípulos Dele”.

No versículo 38 Jesus orienta aqueles que O pertencem para pedirem (suplicarem) [δεήθητε (*deêthete*)] a Deus que é o Senhor (dono) da colheita [Κυρίου τοῦ θερισμοῦ (*kyriou tou therismou*)] para que envie pessoas para trabalhar nela, no grego ἐκβάλλη (*ekbalê*), Ele pode enviar. Aqui Jesus ainda não havia ordenado aos seus discípulos para irem como trabalhadores às searas, mas para que orassem a Deus que providenciasse os trabalhadores. “Ninguém pode fazer o trabalho da seara a não ser que seja primeiro chamado e qualificado para isso por Deus”.⁶ Portanto, para se entender o que é discipulado, antes precisamos compreender que somos discípulos, seguidores de Jesus, e que Ele é quem escolhe os seus discípulos. João 15.16 diz: “Não foram vocês que me escolheram, pelo contrário, eu escolhi vocês”⁷. É o chamado da Graça. O chamado eficaz de Cristo. “Vem e segue-me!” Esse imperativo usado com Pedro, André, Levi, e a todo aquele que crê. Graça real.

Dietrich Bonhoeffer em seu livro “Discipulado” diz o seguinte:

Essa graça é preciosa porque chama ao discipulado; é graça porque chama ao discipulado de Jesus Cristo; é preciosa por custar a vida ao ser humano; é graça pois só assim dá vida ao ser humano; é preciosa porque condena o pecado; é graça porque justifica, perdoa o pecador. É preciosa sobretudo porque foi preciosa para Deus, porque lhe custou a vida de seu Filho — “Porque fostes comprados por preço” (1Co 6.20) — e, portanto, não pode ser barato para nós o que custou caro para Deus. É graça, sobretudo, porque Deus não considerou que seu próprio Filho custasse caro demais para pagar por nossa vida, e assim o deu por nós. A graça preciosa é a Encarnação de Deus. (BONHOEFFER, 2016, p.18).

Se Jesus nos chama para sermos os seus discípulos, e não há como resistir este chamado, portanto, devemos obedecer a sua ordenança em fazer discípulos. Só o fato de Jesus ser o Cristo,

⁴ HOLMAN. Bíblia de Estudo King James. Editora BV Books. 2018, p.1561.

⁵ ALMEIDA, J. F. de. Bíblia de Estudo de Genebra. Editora Cultura Cristã. 2009, p.1244.

⁶ Ibidem.

⁷ JOÃO 15.16. Disponível em: <https://my.bible.com/bible/1840/JHN.15.naa>. Acessado em: 01/05/2022.

confere a Ele total poder para chamar e exigir obediência à Sua Palavra (BONHOEFFER, 2016, p.31).

O discipulado tem custos. Tanto de sermos seguidores de Jesus, quanto de fazer discípulos a seguirem O Caminho. Jonas Madureira (2019) em seu livro “O Custo do Discipulado”, retrata bem este assunto, fazendo um estudo em Lucas 14.25-35. Há um custo do amor, custo do sofrimento e custo da renúncia. “— Se alguém vem a mim e não me ama mais do que ama o seu pai, a sua mãe, a sua mulher, os seus filhos, os seus irmãos, as suas irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo.” (Lucas 14.26) - custo do amor. “E quem não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo.” (Lucas 14.27) - custo do sofrimento. “Assim, pois, qualquer um de vocês que não renuncia a tudo o que tem não pode ser meu discípulo. (Lucas 14.33) - custo da renúncia. O discipulado, o seguir a Cristo envolve amá-lo mais, amá-lo acima de tudo. O discipulado, em fazer discípulos do Mestre, envolve amar as pessoas, se envolver e se importar com elas. O discipulado implica em sermos considerados como ovelhas indo para o matadouro. Envolve sofrer pelo que as pessoas padecem e padecer por você mesmo, pelos seus pesares. Mas nem todo sofrimento é evidência de um verdadeiro discipulado. Somente o sofrimento que é fruto da obediência a Jesus atesta que somos seguidores e exercemos um autêntico discipulado (MADUREIRA, 2019, p.33). “Discipulado é auto esquecimento” (MADUREIRA, 2019, p.35). A atitude de ajudar as pessoas a seguirem Jesus pressupõe o ato de que seguimos a Jesus. Isso quer dizer que quem não segue Jesus não pode ajudar pessoas no processo de discipular (MADUREIRA, 2019, p.19).

Outro aspecto muito importante é saber que o processo de discipulado não se inicia com algo que fazemos, mas sim com base no que Jesus fez (DEVER, 2016, p.16). “O motivo para discipular outras pessoas começam no amor de Deus e em nada mais” (DEVER, 2016, p.17). “Discipulado é alegria” (BONHOEFFER, 2016, p.13).

1. O DISCIPULADO NO NOVO TESTAMENTO

Só há discipulado por meio de Jesus Cristo. Ele é o motivo, a razão do discipulado. Não há como seguir uma vida cristã sem Jesus, até porque, não existe vida sem Ele. “Cristianismo sem Jesus Cristo vivo permanece um cristianismo sem discipulado, e cristianismo sem discipulado é sempre um cristianismo sem Jesus Cristo” (BONHOEFFER, 2016, p.33).

O evangelho, as boas notícias do Salvador é o assunto que deve permear o discipulado. A vida de Jesus é o que interessa, e é o que Ele fez que motiva e inspira as pessoas a anunciar a salvação aos outros.

Quando as Escrituras Sagradas tratam do discipulado de Jesus, proclamam a libertação do ser humano de todos os preceitos humanos, de tudo que o oprime, de tudo que o sobrecarrega, de tudo que lhe suscita preocupação e dor na consciência. No discipulado, o ser humano deixa o duro jugo de suas próprias leis e vai para o jugo suave de Jesus Cristo. O mandamento de Jesus é duro, implacavelmente duro para quem se opõe a ele. Porém, o mandamento de Jesus é suave e leve para aquele que se lhe submete de bom grado. “Os seus mandamentos não são penosos” (1ª João 5.3 ARA). O mandamento de Jesus não consiste em um tipo de tratamento de choque emocional. Jesus nada nos exige sem nos dar a força para fazê-lo. Seu mandamento não visa jamais destruir a vida, mas conservá-la, fortalecê-la e curá-la (BONHOEFFER, 2016, pp.12-13).

Mas o impacto do evangelho na vida das pessoas não se dá somente pelos pontos fortes, mas também acontece por meio das fraquezas, pois, Deus age assim para que o poder dele seja demonstrado mediante a nossa fragilidade e Ele receba toda a glória (DEVER, 2016, p.21). “Então ele me disse: “A minha graça é o que basta para você, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza.” De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo” (2ª Coríntios 12.9 NAA). “Discipular” no evangelho significa que as vezes você será o primeiro a confessar suas fraquezas ou seus pecados, e agindo assim, você demonstrará a forma de encontrar justificação em Cristo, não em si mesmo (DEVER, 2016, p.29). “Mas temos esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que tal poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós” (2ª Coríntios 4.7 NVI).

A nossa vida deve ser voltada pelo bem de outras pessoas; o amor ao próximo que é o ponto crucial no fazer discípulos (DEVER, 2016, p.22). “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Marcos 10.45 NAA). Servimos as pessoas por causa de Cristo. “Um discípulo é alguém que discipula” (DEVER, 2016, p.27). Discipular o próximo é iniciar um relacionamento onde o discipulador ensina, corrige, serve de exemplo e ama (DEVER, 2016, p.28).

Bonhoeffer detalha as diferenças entre a graça real no poder de Jesus Cristo que transforma vidas, onde há o verdadeiro discipulado e a graça barata que não promove mudança, pois nem sequer há Cristo nela:

A graça barata é a pregação do perdão sem arrependimento do pecador, é o batismo sem disciplina eclesial, é a comunhão sem confissão de pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, é a graça sem cruz, é a graça sem Jesus Cristo vivo e encarnado. A graça preciosa é o tesouro oculto no

campo, pelo qual o ser humano vende feliz tudo que possui; é a pérola preciosa, pela qual o mercador oferece todos os seus bens; é o domínio do reino de Cristo, pelo qual o ser humano arranca o olho que o faz tropeçar; é o chamado de Jesus Cristo, pelo qual o discípulo deixa suas redes para trás e o segue (BONHOEFFER, 2016, p.17).

O apóstolo Paulo nos ensina que o discipulado é árduo, é um trabalho que requer luta para se exercer (Colossenses 1.28-29). Devemos agir da mesma forma se desejamos fazer o bem ao próximo (DEVER, 2016, p.24). O custo do discipulado relatado em Lucas, como apresentado na introdução deste trabalho, nos dá esse panorama. Madureira (2019, p.14) estuda o tema traçando a argumentação em torno da distinção entre os dois sentidos de discipulado: um como ato de seguir a Jesus e outro como ato de ajudar as pessoas a seguirem a Jesus.

Seguir a Jesus “não é uma tarefa a mais, como ter um trabalho. [...] É tudo. É um compromisso solene que compele o candidato a discípulo a reordenar todos os seus outros deveres” (BLOMBERG, 2017, pp.378-379). “Então Jesus disse aos seus discípulos: - Se alguém quer vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mateus 16.24 NAA). “- Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus” (Lucas 9.62).

1.1. O discipulado como Jesus ensinava

Marcos 9.30-50 demonstra o caminhar de Jesus junto aos discípulos, os seus ensinamentos, as dúvidas que surgiam a respeito de determinados ensinamentos e as explicações de Jesus referente as dúvidas. Blomberg (2017, p.366), em seu estudo sobre essa passagem, detalha que Jesus está predizendo sua morte e ressurreição, mas percebe uma falta de entendimento e angústia de seus discípulos (vv. 31-32). Enquanto os discípulos discutiam sobre grandeza (vv. 33-34), Ele com extrema humildade, amor e paciência, dá explicação sobre como eles deveriam proceder: (a) ter uma atitude como a de um servo ou uma criança (vv. 35-37); (b) reconhecer a legitimidade de quem ensina sob a autoridade de Jesus, sendo ou não do círculo de amizade deles; (c) evitar a possibilidade de escândalos – para os outros e para si próprios – considerando-se o julgamento por vir (vv. 42-49); e (d) viver em paz entre si e com os outros (v. 50).

Em Lucas 9.57-62 Jesus traz um ensinamento colocando à prova os que desejavam segui-lo.

57 Enquanto seguiam pelo caminho, alguém disse a Jesus: — Vou segui-lo para onde quer que o senhor for. 58 Mas Jesus lhe respondeu: — As raposas têm as suas tocas e as aves do céu têm os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça. 59 A outro Jesus disse: — Siga-me! Mas ele respondeu: — Senhor, deixe-me ir primeiro sepultar o meu pai. 60 Mas Jesus insistiu: — Deixe que os mortos sepultem os seus mortos. Você, porém, vá e anuncie o Reino de Deus. 61 Outro lhe disse: — Senhor, quero segui-lo, mas permita que antes disso eu me despeça das pessoas da

minha casa. 62 Mas Jesus lhe respondeu: — Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus.⁸

Bonhoeffer (2016, pp.34-36) faz o seguinte estudo desta passagem: (1) o primeiro discípulo se oferece para seguir Jesus; ele não foi chamado por Jesus. Ninguém pode chamar a si mesmo! Ele é advertido de que não sabe o que diz e faz, pois o assunto que Cristo trata é do caminho da cruz, e, ninguém pode desejar isso por escolha própria. Há um abismo entre se oferecer espontaneamente ao discipulado e o verdadeiro discipulado. Mas quando Jesus chama, Ele transpõe o abismo mais profundo; (2) o segundo discípulo quer enterrar o pai antes de seguir Jesus. Está preso a lei humana. A isso o chamado de Jesus se contrapõe veementemente, não admitindo que, logo naquele momento, algo se interponha entre Jesus e aquele que foi chamado, mesmo que seja o que exista de maior e de mais sagrado, mesmo que seja a lei. Jesus opõe-se à lei e ordena o discipulado. Só Cristo pode falar desse modo. É dele a última palavra; o outro não pode contestar. Esse chamado, essa graça, é irresistível; (3) o terceiro discípulo entende como o primeiro, mas este quer impor, criar condições para o discipulado. Aqui o discipulado deixa de ser discipulado.

Jesus utilizava do recurso de parábolas para os seus ensinamentos. Elas tinham como característica de atrair ou repelir os ouvintes, ou seja, ou elas afastavam ainda mais os que já estavam distantes de Deus ou atraíam aqueles que seriam regenerados (BLOMBERG, 2017, p.343). Kunz (2020) analisa as parábolas de Jesus abordando-as como gênero literário e conceitua parábola como a explicação de algo desconhecido através de figuras conhecidas (o cotidiano no contexto em que estavam inseridos). Ele afirma que as parábolas ajudam os ouvintes (também a nós leitores) a enxergar através dela o que não poderia ser visto sem ela: nossa própria realidade por exemplo. Fazia com que os ouvintes parassem e pensassem sobre suas ações ou dar respostas a Jesus.

O texto de Lucas 14.25-35 é um claro ensino de Jesus através de parábola. A palavra “aborrecer” (conforme ARA e ARC) é uma vívida hipérbole semita para “amar menos” (BLOMBERG, 2017, p.382), uma característica literária da parábola. Jesus mostra através dessa parábola o cálculo do custo de segui-lo (vv. 28-30) com o custo de não o seguir (vv. 31-32), “e fica claro que o segundo custo é de longe muito mais alto” (BLOMBERG, 2017, p.382).

Jesus ensinava as multidões, como sabemos no conhecido Sermão da Montanha (Mateus 5-7). Ele tinha conversas cruciais com os seus discípulos, explicando a Sua Missão (João 5.19-47). Também ensinava nas sinagogas. Mas nem tudo que era ensinado era bem recebido, como

⁸ Lucas 9.57-62. Disponível em: <https://my.bible.com/bible/1840/LUK.9.naa>. Acessado em: 01/05/2022.

exemplificamos acerca do ensino através de parábolas. Após realizar uma série de feitos como ensinamentos, orações, alimentar uma multidão a partir de cinco pães e dois peixes, andar sobre o mar, Jesus ensina que Ele é o pão da vida (João 6.22-40); repreende aqueles que vão ao seu encontro somente com o intuito de obter mais alimento físico (v. 26); e de que Ele é o verdadeiro Pão que alimenta, no qual Deus Pai é quem dá (vv. 32, 33 e 35). Os judeus murmuravam ao ouvirem isto (vv. 41, 42 e 52), e Jesus tecendo a tese de Sua Missão, para que veio ao Mundo, de que o Pão é a sua Carne, e, que havia descrentes entre eles, muitos dos seus discípulos o abandonam, pois o ensinamento era duro (vv. 60 e 66)! Os verdadeiros discípulos de Jesus permanecerão nele mesmo quando os seus pecados forem confrontados através do ensinamento da Palavra: “Porventura, quereis também vós outros retirar-vos? Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna; e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus” (João 6.67-69 ARA).

Outro aspecto a se destacar é que Jesus ia até as pessoas para ensinar. Como analisado no texto de Mateus 9.35-38, Jesus observava as pessoas aflitas, estava atento a elas (v. 36). Também devemos não somente observar e estar atentos aos aflitos e necessitados, mas também ir até eles! O versículo 35 diz que Jesus percorria [περιῆγεν (*periegen*)], no sentido de ir, andar ao redor. Ele percorria observando os necessitados para ensinar [διδάσκων (*didaskon*)], no sentido de que a causa, o motivo dele percorrer por entre os povoados, as cidades, era para ensinar para que eles pudessem aprender [δᾶω (*daô*)] o evangelho [εὐαγγέλιον (*euangelion*) – boas notícias] do Reino [βασιλείας (*basileias*)] no qual Ele proclamava/pregava [κηρύσσω (*kerysson*)].

O que podemos extrair é que as pessoas estão por aí aflitas e necessitadas. Assim como Jesus, devemos estar atentos a essas particularidades indo até essas pessoas com o objetivo de pregar e ensinar a verdade do Evangelho do Reino de Deus. Esta mensagem confrontará a alma aflita do pecador. Havendo quebrantamento e arrependimento, a pessoa permanecerá nele, pois mesmo que a mensagem seja dura e impactante, ela não terá outro caminho melhor para ir, pois a verdade a libertará (João 8.32). Se dá assim o início de um verdadeiro discipulado.

1.2. O discipulado como ensino

Discipular é ensinar. Ensinamos com palavras e ensinamos todas as palavras transmitidas por Jesus e todas as palavras da Bíblia, e o ensino ocorre quando as pessoas aprendem a manter entre si conversas espirituais significativas (DEVER, 2016, p.30).

Ensinar é um ato de amor. “Eu lhes dou um novo mandamento: que vocês amem uns aos outros. Assim como eu os amei, que também vocês amem uns aos outros. Nisto todos conhecerão que vocês são meus discípulos: se tiverem amor uns aos outros” (João 13.34-35 NAA). Se para discipular pressupõe-se que antes somos discípulos, também se pressupõe que amamos (ao menos deveríamos) a quem discipulamos. Este amor deve estar centralizado em Jesus, na Sua Palavra, no evangelho. “Com que tipo de amor Jesus amou seus discípulos? Ele os amou com um amor que apontava continuamente para as palavras do Pai” (DEVER, 2016, pp.41-42). Amar e ensinar assim como Jesus fez.

A Bíblia atribui a nós esse tipo de trabalho. Paulo diz para estimularmos e edificarmos uns aos outros (1ª Tessalonicenses 5.11) e ensinar uns aos outros, desejando que todos sejam maduros em Cristo (Colossenses 1.28); e o autor aos Hebreus (Hebreus 10.24) diz para que pensemos em animar uns aos outros ao amor e às boas obras (DEVER, 2016, pp.54-55).

O ensino como educação cristã, é uma forma consistente e prática de conduzir pessoas ao amadurecimento, por meio do estudo da Palavra de Deus, proporcionando o desenvolvimento do indivíduo como um todo, lhe oferecendo condições de crescer em sua vida espiritual, no conhecimento de Deus e das Escrituras (MOLOCHENCO, 2007, pp.15-16). E o estudo leva a leitura, ao crescimento na graça e conhecimento de Jesus (2ª Pedro 3.18). Hendricks nos lembra que um dos nossos objetivos é formar estudiosos da Bíblia para o resto da vida. Nosso ensino deve ser uma forma de estimular nossos discípulos a fazerem isto: a terem entusiasmos com a Palavra de Deus, incentivando-os a explorar as Escrituras por si mesmos. “O segredo do estudo bíblico é esse: ensinar os outros o que devem procurar nas Escrituras, e na certa eles encontrarão” (HENDRICKS, 1991, p.124). Molochenco (2007, p.17) diz que a educação cristã somente cumpre sua missão quando olha para o indivíduo de forma integral, pois o desenvolvimento das pessoas abrange os aspectos físico, emocional, social e intelectual. A Palavra tem a resposta que expressa o desejo de conhecer e viver a verdade: “Ensina-me, Senhor, o caminho dos teus decretos, e os seguirei até o fim. Quanto amo a tua lei! É a minha meditação todo o dia!” (Salmo 119.33 e 97). “— Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha” (Mateus 7.24). A Palavra de Deus constitui o núcleo desse conhecimento (MOLOCHENCO, 2007, p.50).

2. O DISCIPULADO NA IGREJA PRIMITIVA

Em Atos 2.42-47 dá-se o surgimento da Igreja. O texto diz:

42 ἦσαν δὲ προσκατεροῦντες τῇ διδασκίᾳ τῶν ἀποστόλων καὶ τῇ κοινωνίᾳ καὶ τῇ κλάσει τοῦ ἄρτου καὶ ταῖς προσευχαῖς. 43 Ἐγένετο δὲ πάση ψυχῇ φόβος, πολλά τε τέρατα καὶ σημεῖα διὰ τῶν ἀποστόλων ἐγένετο. 44 πάντες δὲ οἱ πιστεύοντες ἦσαν ἐπὶ τὸ αὐτὸ καὶ εἶχον ἅπαντα κοινά, 45 καὶ τὰ κτήματα καὶ τὰς ὑπάρξεις ἐπίπρασκον καὶ διεμέριζον αὐτὰ πᾶσι καθότι ἄν τις χρεῖαν εἶχε· 46 καθ' ἡμέραν τε προσκατεροῦντες ὁμοθυμαδὸν ἐν τῷ ἱερῷ, κλῶντές τε κατ' οἶκον ἄρτον, μετελάμβανον τροφῆς ἐν ἀγαλλιάσει καὶ ἀφελότητι καρδίας, 47 αἰνοῦντες τὸν Θεὸν καὶ ἔχοντες χάριν πρὸς ὅλον τὸν λαόν. ὁ δὲ Κύριος προσετίθει τοὺς σφωζομένους καθ' ἡμέραν τῇ ἐκκλησίᾳ.⁹

E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por meio dos apóstolos. Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, o Senhor lhes acrescentava, dia a dia, os que iam sendo salvos.¹⁰

Há o resumo do que era essencial para o discipulado, onde os apóstolos ensinavam sobre Jesus e Sua obra; a responsabilidade de cada um como seguidor de Cristo; bem como a comunhão com Cristo e a igreja.¹¹ De acordo com Lucas, os cristãos se dedicaram a quatro meios básicos pelos quais eram discipulados (NANCE, 2019), e se tornaram prioridade do cristianismo primitivo.¹² São eles: doutrina, comunhão, partir do pão e orações.

É importante ressaltar que os discípulos cristãos exerciam estas atividades descritas no verso 42, com perseverança [*προσκατεροῦντες (proskarterountes)*], no sentido de uma contínua devoção, continuando firmemente a exercer esses meios prioritários do discipulado cristão. Nance (2019) explica o que Lucas relatou acerca dessas prioridades: a dedicação a doutrina, o ensino [*διδασκίᾳ (didachē)*] dos Apóstolos, foi uma parte constante e inegociável em suas vidas, onde ouviam e estudavam a verdade revelada em Jesus Cristo. A devoção a comunhão [*κοινωνία (koinōnia)*] é baseada na comunhão do Deus trino, que é uma comunhão eterna, e nós que somos feitos à Sua imagem, fomos feitos para comunhão com Ele e uns com os outros. O partir do pão [*κλάσει τοῦ ἄρτου (klasei tou artou)*] provavelmente se referia a

⁹ ΠΡΑΞΕΙΣ ΑΠΟΣΤΟΛΩΝ 2.42-47. Disponível em: <https://my.bible.com/bible/209/ACT.2.byz04>. Acessado em: 01/05/2022.

¹⁰ ATOS DOS APÓSTOLOS 2.42-47. Disponível em: <https://my.bible.com/bible/1840/ACT.2.naa>. Acessado em: 01/05/2022.

¹¹ ALMEIDA, J. F. de. Bíblia de Estudo da Reforma. Sociedade Bíblica do Brasil. 2017, p. 1812

¹² HOLMAN. Bíblia de Estudo King James. Editora BV Books. 2018, p. 1784.

observância dos Sacramentos (Ceia do Senhor junto com o batismo). “[...] os sacramentos do batismo e a Ceia do Senhor comunicam o amor adotivo do Pai, a graça sacrificial do Filho e a comunhão vivificante do Espírito, de maneira a transformar e equipar os discípulos. Os sacramentos, como a comunhão dos santos, nos lembram que devemos nos reunir corporativamente para crescer como indivíduos” (NANCE, 2019).

E as orações [*προσευχᾶς (proseuchais)* – sentido de adorar; orar fervorosamente] eram feitas de forma coletiva representando o culto da igreja primitiva. Como responsabilidade da igreja (Atos 1.14), eles conheciam e usavam do poder da oração para serem cheios do Espírito Santo.

Muitos eram os milagres, sinais e prodígios realizados (v.43), tantos que Lucas não pode escrever todos. Os sinais eram tremendos a ponto de haver temor [*φόβος (fobos)* – literalmente medo; susto; estar alarmado, em alerta] em cada um¹³, mas, havia em todos a União do Espírito (v. 44).¹⁴ E unidos ao Espírito, estavam atentos as necessidades físicas dos outros, e voluntariamente e com satisfação, contribuía(m) (v. 45).¹⁵

Eles participavam o máximo possível em união e comunhão no Templo (v. 46)¹⁶ e em união e comunhão de casa em casa. Os discípulos da igreja primitiva eram participativos na vida um do outro, sendo unânimes [*ὁμοθυμαδὸν (homothymadon)*], no sentido de estarem de comum acordo, uma só mente¹⁷. E toda esta união, alegria, era exaltando, louvando o nome do Senhor (v. 47), que é o dono da Igreja.¹⁸ Sendo assim, o próprio Senhor acrescentava dia após dia mais discípulos a Sua Igreja, demonstrando que a igreja primitiva era evangelizadora, e a mensagem central era a crucificação e ressurreição de Jesus Cristo.¹⁹

Este é o modelo de igreja discipuladora que Jesus deixou para que praticássemos nos dias de hoje.

3. A PANDEMIA DA COVID-19

O vírus SARS-COV-19 causador da enfermidade que ficou conhecida como Coronavírus, mudou todas as pessoas do mundo, no âmbito físico, mental e social. O isolamento ou

¹³ ALMEIDA, J. F. de. Bíblia de Estudo de Genebra. Editora Cultura Cristã. 2009, p. 1426.

¹⁴ ALMEIDA, J. F. de. Bíblia de Estudo de Genebra. Editora Cultura Cristã. 2009, p. 1426.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ ALMEIDA, J. F. de. Bíblia de Estudo da Reforma. Sociedade Bíblica do Brasil. 2017, p. 1812.

¹⁷ HOLMAN. Bíblia de Estudo King James. Editora BV Books. 2018, p. 1785.

¹⁸ ALMEIDA, J. F. de. Bíblia de Estudo de Genebra. Editora Cultura Cristã. 2009, p. 1426.

¹⁹ HOLMAN. Bíblia de Estudo King James. Editora BV Books. 2018, p. 1785.

distanciamento social, uso de máscaras, fechamento e abertura dos comércios, a vacina é ou não eficaz, e, tantos outros assuntos giraram em torno da pandemia, mas o impacto maior, foi o número de vidas ceifadas por esta doença. Nunca uma doença se espalhou tão rapidamente de forma transmissível e de distribuição de contágio quanto foi o da Covid (TEIXEIRA, 2021).

As pessoas estavam vivendo como se tivessem todo o tempo do mundo, mas, a pandemia mostrou a nossa vulnerabilidade social e a fragilidade mundial (SAYÃO & LEE, 2021). O número de pessoas que se recuperaram da Covid também é grande, mas, não sem sequelas. Numa pesquisa feita por Satie (2021), segundo médicos e cientistas, as sequelas permanecem a longo prazo até mesmo nos que tiveram casos leves da doença. Fadiga, perda do olfato ou paladar, foram os sintomas mais comuns. Mas há também dificuldades respiratórias, fadigas musculares, complicações cardíacas, renais e neurológicas. Com isso, muitas outras doenças e complicações surgiram associadas a Covid-19, inclusive as da mente, como depressão e ansiedade.

O pós-Covid é uma preocupação real, pois já está constatado que a maioria dos infectados, incluindo os de casos leves, apresentam sintomas estranhos e limitações meses depois após a recuperação, sendo os mais agravantes os transtornos neurológicos/psiquiátricos, como lapsos de memória, estresse pós-traumático, ansiedade e depressão (PINHEIRO, 2021).

Os indivíduos com predisposição para transtornos psíquicos ocorrem desde a vulnerabilidade genética até traumas na vida, comuns na infância, adolescência e alguns casos na juventude (TEIXEIRA, 2021). Eventos estressantes são como gatilhos que desencadeiam e mantêm os transtornos psíquicos. A pandemia foi um desses eventos estressantes que funcionou como gatilho para a manifestação dessas enfermidades psíquicas.

As emoções trabalham contra ou a favor e com a pandemia, aquilo que não estava bom, veio a ser mais nítido, por exemplo, o medo da pandemia já estava na mente antes dela acontecer, e o medo a ela foi a florado com o acontecimento da doença mundialmente (CALIXTO, 2021). “As emoções de medo e pânico são bem reais, bem fortes e, aparentemente, impossíveis de explicar. Ansiedade e pânico parecem sair do nada” (WALLACE, 2018, p.3). O que pode estar por trás dos pensamentos de ansiedade, são os desejos, crenças, pensamentos tais que geram medo e um ataque de pânico (WALLACE, 2018, p.10). Isso causa dor e sofrimento que trazem mudanças na qual não esperamos, e, no contexto da pandemia, foi ocasionado por pessoas que negaram a doença e por pessoas que aceitaram e cumpriram o isolamento (CALIXTO, 2021). O medo, a ansiedade, a depressão, ataques de pânico, são feridas que ocorreram na população, mesmo sem contrair a doença. E pessoas feridas normalmente

ferem, e, um nível de estresse elevado pode ser expresso verbalmente e fisicamente (CALIXTO, 2021).

Segundo um levantamento realizado por Teixeira (2021), há uma projeção para o aumento de suicídios e de pessoas mais estressadas e impulsivas para os anos de 2022 e 2023. Teixeira (2021) fez um comparativo com outros eventos pandêmicos, relatados no Livro *Psiquiatria de Pandemias* do autor Damir Huremovic (2019). Alguns exemplos que ele extraiu foram: Epidemia de SARS em 2003 em Taiwan, 10% da população apresentou pensamentos pessimistas em relação à vida. Em Hong Kong, a população afetada pelo surto apresentou altas sequelas psicológicas. 60% dos sobreviventes do SARS, apresentaram problemas psiquiátricos após 3 anos. Após 30 meses, 1 em cada 4 sobreviventes apresentaram Transtorno de Estresse Pós-Traumático.

No livro *Neurologia da Covid-19* de Alberto Priori (2021), Teixeira (2021) analisou que a pessoa infectada tem um processo isquêmico e inflamatório do cérebro. Quadros graves de insônia, depressão e comprometimento da memória persistem durante meses após a infecção. O medo da doença e da quarentena agravou o quadro psíquico das pessoas. Existe o efeito Epigenético, onde a neurociência comprova que eventos agudos ou crônicos geram pequenas alterações na estrutura genética, e essas alterações perduram ao longo da vida, podendo ser passado para as próximas gerações.

As consequências pós-covid são graves e prolongadas. Com encarar este futuro agora tão próximo? Como lidar com estas mudanças?

3.1. A soberania de Deus sobre a pandemia

Deus reina sobre o coronavírus. O vírus não pertence ao diabo, como muitos disseram. A Bíblia nos ensina acerca disso, e, a Bíblia corretamente entendida, é a voz de Deus (PIPER, 2020, p.2). Deus é O Criador (Gênesis 1-2). Cada partícula de poeira cósmica na imensidão do Universo até cada proteína de nosso ser é criação dEle. Deus criou os vírus! Ele não somente criou como também governa sobre os vírus, sobre toda a criação (Salmo 103.19; 1º Crônicas 29.11-12; Colossenses 1.16-17; Jó 38-39; Jeremias 5.22; Mateus 8.27). Tudo está sob a ordem, o decreto soberano de Deus. O vírus cumpre o propósito estabelecido por Deus. Tudo acontece porque Deus deseja que aconteça.

É fato que o pecado é o motivo de toda miséria física existir (PIPER, 2020, p.41), e, “as vezes Deus usa doenças para trazer juízos particulares sobre aqueles que o rejeitam e se

entregam ao pecado” (PIPER, 2020, p.47). Deus é Santo e Justo, e age com retidão em Julgamento e Provação, e através da pandemia, conclamando ao povo a se arrepender de seus pecados. Arrependimento é uma mudança de mente e coração, é valorizar a Jesus mais do que todas as outras relações (PIPER, 2020, pp.57-58 conforme em Mateus 22.37). Para O Seu povo, este juízo é purificador e não punitivo (PIPER, 2020, p.47). “Porque chegou o tempo de começar o juízo pela casa de Deus; e, se começa por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus? E, “se é com dificuldade que o justo é salvo, que será do ímpio e do pecador?”” (1ª Pedro 4.17-18 NAA).

Há mais um propósito no qual se cumpre de acordo nos relata as Escrituras: “Porém todas essas coisas são o princípio das dores” (Mateus 24.8 NAA). As dores de parto em que o Mundo sente, onde se inclui a pandemia de coronavírus, soa como lembrete e alerta de que Jesus está voltando, e, Ele quer que vejamos essas dores e estejamos preparados para a Sua volta (PIPER, 2020, pp.51-53 conforme em Mateus 24.44). O que Deus faz através do câncer, das tragédias naturais, da fome, do coronavírus, “é nos mostrar – [...] dolorosamente – que nada neste mundo oferece a segurança e a satisfação que encontramos na grandeza e dignidade infinitas de Jesus” (PIPER, 2020, p.59). Esta segurança só temos diante de um Deus que é provedor e nos sustenta, que firma a nossa fé no Autor e Consumador dela (Hebreus 12.2). E esse sustento nos dá a garantia que aqui não é o nosso fim. Não há o que temer diante da morte, diante da Covid, diante do câncer, “acordado ou dormindo – ou seja, vivo ou morto – eu estarei vivo com Deus” (PIPER, 2020, p.3 conforme em 1ª Tessalonicenses 5.9-10).

A providência de Deus diante do coronavírus é agridoce. [...] o Todo-Poderoso tornou minha vida muito amarga! De mãos cheias eu parti, mas de mãos vazias o SENHOR me trouxe de volta. [...] O Todo-Poderoso me trouxe desgraça! (Rute 1.20-21). A doçura da palavra de Deus não diminui no meio dessa providência agridoce. A soberania que poderia parar a crise do coronavírus, ainda que não o faça, é a mesma soberania que sustenta a alma durante esse tempo (PIPER, 2020, p.24).

Jesus Cristo é a nossa Rocha. A Rocha que está sob nossos pés agora, onde o objeto de nossa esperança está no futuro, mas a experiência desta esperança está no presente. E esta experiência é atual e poderosa, e a Rocha que devemos permanecer é a Rocha da ação de Deus no mundo agora e para sempre (PIPER, 2020, pp.5-8). E através de Sua Palavra obtemos o tipo de conselho certo no qual precisamos ouvir e seguir.

Não vamos e nem devemos esquecer a pandemia. Na concepção de tempo no hebraico bíblico é que nada foge do controle de Deus, O único acima de todas as coisas que rege todo o tempo (SAYÃO & LEE, 2021). Lee (SAYÃO & LEE, 2021) nos traz a aplicação: no passado

devemos nos lembrar com gratidão de tudo que Deus fez; no presente devemos viver intensamente construindo o hoje; e no futuro devemos ter a esperança no que Deus tem preparado, a expectativa de alcançar os propósitos dEle.

Aprendemos com a pandemia e lidamos com as dificuldades tendo a certeza de que Deus nos sustenta e que podemos habitar seguros nEle (Deuteronômio 33.27).

4. O DISCIPULADO COMO TERAPIA

“A pandemia abriu um caminho para a realidade missionária”, e o compartilhar a fé de uma maneira favorável e positiva, se faz necessário (SAYÃO & LEE, 2021). Precisamos tratar das feridas emocionais desenvolvendo uma inteligência emocional e espiritual, com mudanças de atitudes e pensamentos, fazendo isso no hoje, pois não sabemos o que virá amanhã (CALIXTO, 2021).

A pandemia deixou as pessoas sofrendo, como ovelhas que não possuem pastor. Estão perdidas, e nós, devemos estar atentos aos seus anseios, assim como Jesus esteve e está, e ir até essas pessoas (Mateus 9.35-38). Como temos visto até aqui, sem Jesus Cristo não há discipulado, e se há em nós o desejo de realizar é porque Jesus, por intermédio do Espírito Santo, nos convocou para este trabalho. É somente por meio de Jesus que podemos amar e cuidar uns dos outros.

Não existe caminho direto entre os seres humanos. Não alcançamos nosso semelhante nem por meio da empatia mais amorosa, nem da psicologia mais elaborada, nem da franqueza mais natural; não há relação direta entre almas. Cristo é o Mediador (BONHOEFFER, 2016, p.76).

Como ministros de Cristo, devemos amar e receber bem a todos, independente das necessidades e situações individuais, e não ignorando seus problemas com palavras mesquinhas (MARSHAL & PAYNE, 2015, p.28 conforme em Tiago 2.14-17). Como partes de um só corpo (Romanos 12; 1ª Coríntios 12), cada membro da Igreja de Jesus é responsável pelo outro, ou seja, toda a congregação tem a responsabilidade de se certificar de que cada membro – seja criança ou adulto, homem ou mulher – está sendo amado e estimulado no amor (Hebreus 10.24), tornando-se assim uma comunidade que assume a responsabilidade por seus membros (DEVER, 2016, p.48).

É necessário que haja em nós como partes da Igreja, uma cultura de discipulado. Cada um de nós recebeu um dom para o bem comum, e, deve ser usado para a edificação do corpo

de Cristo. “As igrejas não precisam tanto de programas especiais quanto carecem de culturas de discipulado, nas quais cada membro priorize a saúde espiritual do outro” (DEVER, 2016, p.50). É claro que precisamos de estruturas (atividades, programações, planejamentos, reuniões, etc.) para funcionarmos, mas, o mais importante é o cuidado com as vidas das pessoas, e isso não precisa de muito mais do que um lugar para se reunir e a Bíblia para ser estudada/ensinada, e essas estruturas devem dar base para que haja o discipulado. “A obra fundamental de qualquer ministério cristão é pregar o evangelho de Jesus Cristo no poder do Espírito Santo de Deus e ver pessoas convertidas, mudadas e crescendo para a maturidade nesse evangelho” (MARSHAL & PAYNE, 2015, p.15). Nosso objetivo é levar as pessoas a viverem em direção ao conhecimento de Deus, de uma vida santa, independente se estão enfrentando problemas ou não, (MARSHAL & PAYNE, 2015, p.28), independente, mas se importando, caso estejam sofrendo com o pós-covid, colocando em prática o discipulado de Cristo (Colossenses 1.28).

Marshal e Payne (2015, p.28) questionam se estamos sendo retroativos ou proativos em nosso discipulado. A comparação que realizam sobre as atividades das igrejas serem a treliça e o povo ser a videira, é justamente mostrando o entendimento de que na grande maioria, há predominância de importância à treliça do que à videira. Isso tendo em vista que a obra da treliça é mais fácil do que o da videira, pois, “a obra da videira é pessoal e exige muita oração. Exige que dependamos de Deus e abramos a boca para falar a Palavra de Deus” (MARSHAL & PAYNE, 2015, p.16). A treliça, ou seja, as atividades, programações, reuniões etc., são importantes sim e sustentam a videira. Mas a videira, ou seja, o Corpo de Cristo, é que necessita de atenção, cuidado, plantio, rega, poda, e conforme ela vai crescendo, aí sim se aumenta o crescimento da treliça.

Uma das atividades pela qual estimulamos o crescimento da videira em discipulado, é o pequeno grupo. Assim como Jesus se reunia com seus discípulos, assim como fazia a Igreja Primitiva, este modelo é extremamente eficaz para o cuidado terapêutico da vida das pessoas, pois promove encontros intencionais que, através da proclamação do Evangelho, são capazes de ajudar as pessoas a terem suas vidas transformadas (CHAGAS, 2021).

Passos (2021) comenta sobre os benefícios do discipulado em pequenos grupos onde há uma melhora na vida da Igreja. Melhora nossa comunhão, pois passamos a descobrir as necessidades uns dos outros. Acontece um pastoreio mais eficiente, onde cuidamos uns dos outros. Uma melhor assistência aos que sofrem, aos necessitados. Melhor qualidade no ensino da Palavra, sendo uma prática que leva a igreja no crescimento numérico, onde se visa que cada

membro se torne um evangelista e que cada lar é um local de evangelização. Momentos de oração e louvor a Deus.

Jesus é o grande incentivo para praticarmos o discipulado (CHAGAS, 2021) através dos pequenos grupos. Ele é o grande e único incentivo e exemplo para cuidarmos daqueles que estão sofrendo, andando ansiosos, em depressão, com sequelas da Covid, pois podemos nos compadecer e ir até elas (Mateus 9.36). Podemos tratar de suas feridas e doenças (Mateus 9.36), não só assistindo com possíveis tratamentos médicos e terapêuticos, mas também e principalmente, com o amor, a comunhão, a pregação e ensino da Palavra de Deus (Mateus 9.35). Podemos nos colocar acessíveis e aconselhar as pessoas ajudando-as crescerem em Cristo, crescendo no amor e em desejo de servir e ministrar aos outros (ESWINE & PORTE, 2020).

No cuidado aos que estão sofrendo, quando caminhamos no discipulado, por meio da Palavra mostramos que a mão de Deus está sobre nossas vidas não somente nas vitórias, mas também nas derrotas; não apenas no consolo, mas na disciplina; não somente quando abraça, mas também quando corrige (LIDÓRIO, 2020, p.11). “... – Até aqui nos ajudou o SENHOR.” (1º Samuel 7.12 NAA), nesta passagem Deus se compadeceu do seu povo, após se arreponderem, quando sofreram uma grande derrota. Samuel ergue um altar ao Senhor em gratidão. O “até aqui” nos ensina e leva a olhar para o dia presente, e, até o dia de hoje a sua misericórdia e graça, sua paciência e bênção, sua proteção e guarda esteve conosco, mas também nos ensina a olhar os dias que virão, o tempo que está na nossa frente (LIDÓRIO, 2020, p.12). Ele está conosco hoje e no amanhã não será diferente!

O discipulado é uma ferramenta terapêutica para os que estão sofrendo, pois quem pratica ama o sofredor. Quem pratica dedica tempo, atenção. Quem pratica, escuta. É importante ouvir o que o outro tem a dizer. Quem pratica também faz perguntas, procura entender e mostra-se interessado (Provérbios 20.5). Também é importante falar, aconselhar, reanimar (Provérbios 15.1; 12.25; 16.21). Quem pratica fala com Deus! E também se fala de Deus, ensinando a Palavra da Verdade, e quando ela é crida, as pessoas são transformadas (ESWINE & PORTE, 2020).

CONCLUSÃO

Chegamos ao final deste artigo entendendo que O Senhor Jesus é quem escolhe os seus discípulos. Ele nos ordena e nos capacita a fazermos discípulos dEle e para Ele. Por meio de Sua Palavra, temos as diretrizes de como praticar um discipulado genuíno e saudável.

Analisamos o texto em Mateus 9.35-38 e vemos como Jesus praticou o discipulado para com os que estão perdidos e em sofrimento. Devemos estar atentos, vigilantes e em oração, mas também caminhando em direção aos necessitados, e isso só se dá através de um amor que é concedido por Jesus a nós, através do Espírito Santo. Precisamos pregar o evangelho do Senhor Jesus, e ensinar os Seus ensinamentos que são fonte de verdade e vida. Alinhado a esta prática, está o cuidado das necessidades da vida física, emocional e social.

Há dois anos vivemos a pandemia da COVID-19. E mesmo que hoje aparentemente as vivências estejam se normalizando, aprendemos neste estudo, que as sequelas provocadas pela doença do coronavírus e pelo isolamento social, agravaram os transtornos psíquicos e podem perdurar por muito tempo. Sintomas de ansiedade e depressão, e um número elevado de suicídios, nos trazem preocupação. O pós-covid é uma preocupação presente e real!

É fato que há a necessidade de um tratamento e acompanhamento médico e psicológico para estas pessoas. Mas também é fato que elas estão “como ovelhas que não possuem pastor”. Há o anseio de serem cuidadas mais de perto, de serem amadas e protegidas, e nós como discípulos de Cristo, temos a ferramenta para exercer este cuidado. Podemos mostrar que é a fé em Jesus Cristo que pode livrá-los da ansiedade (BONHOEFFER, 2016, p.150), da depressão, da taquicardia, da doença crônica renal, de todos os males, e, mesmo que Ele não venha livrar, Ele nunca abandonará, pois temos nEle verdade e vida, e não há outro lugar melhor para irmos estando ou não com enfermidades e/ou enfrentando dificuldades.

O discipulado é eficaz para todos! O caminhar em grupos, o auxílio de levar as cargas uns dos outros, a assistência as necessidades, o se alegrar com a alegria do próximo e chorar a dor do próximo (Romanos 12.15) só é possível em comunidade, em vivência em grupo. O discipulado em pequeno grupo é eficaz e fundamental, pois a Igreja Primitiva praticava, e temos nela o modelo de exemplo e sucesso desta prática que cuida dos que estão sofrendo.

O discipulado é uma ferramenta terapêutica não só para o convívio de um mundo pós-pandemia, não somente para os que estão sofrendo com as sequelas da Covid, mas é para todos em qualquer circunstância! É uma ferramenta de grande valor pois são vidas cuidando de vidas. São pessoas se importando com a saúde e desenvolvimento dos outros. E este crescimento dará frutos para a Glória do Senhor Jesus, anunciando a Sua Salvação, proclamando O Seu Reino.

O discipulado de Jesus que é praticado por Sua Igreja, é o instrumento para atrair os que sofrem, os cansados, os perdidos, os sem esperança, os ansiosos e deprimidos. É a Igreja que possui a autoridade dada por Jesus, que é capaz de apresentar O Caminho, que não é um

lugar, mas alguém, que pode amenizar toda a dor, e, proporcionar uma grande família que cuida e ama uns aos outros.

REFERÊNCIAS

- BONHOEFFER, D. **Discipulado**. Editora Mundo Cristão. Edição Eletrônica. 2016.
- BLOMBERG, C. L. **Introdução aos evangelhos**. Editora Vida Nova. 2017.
- CALIXTO, S. **A missão no mundo pós-pandemia: como lidar internamente com as mudanças**. Igreja Batista Nações Unidas. Disponível em: <<https://youtu.be/0VxCXTLer28>>. Acessado em: 13/11/2021.
- CHAGAS, J. **Evangelização e discipulado**. APECOM - CTA. Disponível em: <<https://cta.ipb.org.br/discipulado>>. Acessado em: 01/06/2021.
- DEVER, M. **Discipulado**. Editora Vida Nova. 2016.
- ESWINE, Z.; PORTE, W. **Aconselhamento na depressão**. Curso Fiel de Liderança. Disponível em: <<https://conteudo.cursofielidelideranca.com.br>>. Acessado em: 09/01/2020.
- HENDRICKS, H. **Ensinando para transformar vidas**. Editora Betânia. 1991.
- HUREMOVIC, D. **Psychiatry of Pandemics**. A mental health response to infection outbreak. Publishing company Springer. 2019.
- KUNZ, C. **As Parábolas: O Gênero Literário de Jesus**. Disponível em: <<https://youtu.be/0uZGQyU3Yt0>>. Acessado em: 10/10/2021.
- LIDÓRIO, R. **Aos que sofrem**. Edição do autor. 2020.
- MADUREIRA, J. **O custo do discipulado** - a doutrina da imitação de Cristo. Editora Fiel. 2019.
- MARSHALL, C. ; PAYNE, T. **A Treliça e a Videira** - a mentalidade do discipulado que muda tudo. Editora Fiel. 2015.
- MOLOCHENCO, M de O. **Educação Cristã**. Curso Vida Nova de Teologia Básica. Ed. Vida Nova. 2007.
- NANCE, M. A. **Os meios comuns de discipulado**. Disponível em: <<https://voltemosaoevangelho.com/blog/2019/09/os-meios-comuns-de-discipulado/>>. Acessado em: 08/05/2022.
- PASSOS, P. de T. **Pequenos grupos e evangelização**. APECOM - CTA. Disponível em: <<https://cta.ipb.org.br/pequenos-grupos>>. Acessado em: 16/12/2021.

PINHEIRO, C. **Uma doença chamada pós-Covid.** Veja. Disponível em:

<<https://saude.abril.com.br/medicina/uma-doenca-chamada-pos-covid/>>. Acessado em: 16/12/2021.

PIPER, J. **Coronavírus e Cristo.** Editora Fiel. 2020.

PRIORI, A. **Neurology of COVID-19.** Publishing company Milano University Press. 2021.

SATIE, A. **Sequelas da covid podem persistir por longo prazo até em casos leves.** CNN Brasil. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/sintomas-da-covid-19-podem-persistir-por-longo-prazo-ate-em-casos-leves/> >. Acessado em: 16/12/2021.

SAYÃO, L.; LEE, S. **A missão no mundo pós-pandemia:** como enfrentar o futuro se tudo ficou inseguro? Igreja Batista Nações Unidas. Disponível em: <<https://youtu.be/yUMq5T2jUik>>. Acessado em: 27/11/2021.

TEIXEIRA, C. R. **A missão no mundo pós-pandemia:** a pandemia e a saúde mental. Igreja Batista Nações Unidas. Disponível em: <<https://youtu.be/trNrm7fla8E>>. Acessado em: 02/12/21.

WALLACE, J. **Ataques de ansiedade e pânico - confiando em Deus quando você tem medo.** Editora Fiel. 2018.